

Mar ameaça destruir parte de Conceição da Barra

Fotos de Chico Guedes

Nilo De Mingo

A cidade de Conceição da Barra, no litoral Norte do Espírito Santo, corre sério risco de ser parcialmente destruída pela ação da maré, caso não sejam adotadas medidas para conter o avanço do mar, que já destruiu, total ou em parte, casas no Bairro da Bugia, ameaça outras no local e impede que barcos pesqueiros saiam para o mar ou entrem no porto existente no rio Cricaré, quando a maré está baixa. A situação é crítica e os moradores da região temem pela chegada da maré de março ano e alertam que pode ocorrer uma tragédia no local.

O estudo foi feito pela Aquaconsult Consultoria e Projetos de Engenharia e entregue à Secretaria de Desenvolvimento Econômico e Social esta semana. Ele aponta que se não forem tomadas medidas preventivas e corretivas para impedir o processo erosivo, um eventual ataque das ondas oceânicas pode chegar até a Praça Getúlio Vargas, a principal de Conceição da Barra, onde estão situadas a Igreja Matriz e a Prefeitura do município, além de destruir por completo o Bairro da Bugia, onde moram aproximadamente 300 famílias. A Prefeitura de Conceição da Barra já solicitou a ajuda do Governo do Estado para equacionar o problema. O prefeito Mateus Vasconcelos, que passa a semana em Vitória, foi procurado mas não foi localizado para se posicionar sobre o assunto.

Obras

A primeira providência do Governo foi, através da Secretaria de Desenvolvimento Econômico e Social, solicitar à Aquaconsult um estudo sobre a situação na foz do rio Cricaré e a elaboração de um projeto para conter o processo de erosão. Segundo concluiu o estudo, em junho passado um forte fenômeno, de origem natural, começou a afetar a margem esquerda do rio, no Bairro Bugia.

Há mais de 20 anos existia um cordão arenoso na foz do rio, em forma de istmo, que se iniciava a jusante da Bugia e se estendia da direção nordeste para sudoeste, com um largura média de 50 metros. O cordão servia como proteção natural do estuário do rio Cricaré contra a entrada das ondas do mar. Com o progressivo rompimento dessa proteção, até a sua ruptura este ano, as ondas oceânicas começaram a penetrar no estuário, ameaçando a barra do rio.

empresa diz que esse quadro já se caracteriza como de calamidade pública.

Perigo

O trabalho ressalta que se não forem tomadas eficientes medidas corretivas e preventivas para evitar a continuidade do processo, existe o "real risco" de ruptura do istmo que separa o mar da Bugia e com isso ocasionar a destruição do bairro. O estudo revela ainda que, eventualmente, ondas oceânicas poderiam atingir o farol de sinalização de navios e barcos, existente em Conceição da Barra, e chegar até a Praça Getúlio Vargas, no centro de Conceição da Barra.

Outro problema detectado é a progressiva perda de calado e das condições de navegabilidade para as embarcações no estuário do Rio Cricaré, o que é provocado pelo assoreamento fluvial e marinho, o que traz sérios prejuízos à navegação, inclusive com riscos de naufrágios. O trabalho aponta como exemplo o fato dos barcos pesqueiros maiores só conseguirem entrar ou sair do estuário, com segurança, por ocasião das marés mais altas. Os barcos também enfrentam dificuldades na atracação devido ao batimento das ondas dentro do estuário.

De acordo com a assessora técnica da Secretaria, Ana Amélia da Costa Moraes, a Aquaconsult elaborou dois projetos para conter a erosão e evitar a destruição de parte de Conceição da Barra. Esses projetos seriam realizados em duas etapas, num prazo máximo de 22 meses, e custariam R\$ 6,5 milhões. A primeira fase seria a dragagem do canal de navegação e a sua reconstrução. Essa etapa consumiria nove meses e está orçada em R\$ 1,3 milhão. A segunda seria a da construção do quebra-mar norte e o quebra-mar sul na foz do rio Cricaré, além de um cais para os barcos de pesca. Essas obras seriam executadas num prazo de 13 meses, a um custo de R\$ 5,2 milhões.

Ana Amélia explicou que já vem sendo mantidos contatos com a Companhia Vale do Rio Doce para que ela execute os serviços de dragagem do canal do rio. Ela acredita que esse trabalho possa ser executado ainda no atual Governo e a Secretaria aguarda apenas uma resposta da Vale para iniciar o trabalho. A CVRD empregaria recursos do Fun-



Apesar de barreiras feitas pelos próprios moradores, a maré já destruiu várias casas no Bairro da Bugia e pode acabar com o restante em março

Rio assoreado provoca a perda de barcos

A empresa de pesca Barrapesca, a única operando atualmente em Conceição da Barra, vem enfrentando dificuldades para exercer suas atividades devido ao assoreamento do rio e da saída da barra do rio Cricaré. Segundo a diretora da empresa, Norma Zakine, em dez anos de atividade na região a empresa já perdeu quatro embarcações devido aos problemas na foz do rio. Ela explicou que muitas vezes os barcos deixam de sair ou então têm que esperar até dois dias fora da barra para poder entrar, causando grandes prejuízos para a Barrapesca.

Ao todo a empresa possui em Conceição da Barra 14 barcos pes-

queiros, todos de médio e grande porte e que por isso precisam de boa profundidade para a navegação. "Com a maré abaixo de 1.4, nenhum dos nossos barcos sai ou entra no estuário, pois o risco de um acidente é muito grande", disse Zakine, acrescentando que a empresa contratou um prático que conhece bem a região para realizar o trabalho de tirar e colocar os barcos no estuário com segurança. Mesmo assim isso nem sempre é possível devido à maré baixa e à existência de bancos de areia, que podem reter e causar danos às embarcações.

Norma Zakine informou que em 1985 foi feito um trabalho para

diagnosticar o problema e realizar os serviços necessários. Na ocasião o então prefeito Humberto Serra se empenhou junto ao Governo do Estado, mas foi tudo em vão. "Fizemos o estudo, vieram as promessas, mas até agora nada e o problema vem se agravando cada vez mais. Nós mesmos já perdemos quatro barcos que ficaram encahalados na areia. Agora o problema é mais grave, pois começa a destruir casas e colocar em risco a vida das pessoas e nós esperamos que alguma providência venha a ser adotada urgentemente", afirmou a diretora da Barrapesca.

Já a secretária municipal de Turismo de Conceição da Barra, Ma-

ria Apatecida Petroni, considera a situação grave e que o turismo na região também pode ser prejudicado. "Parte do calçadão construído pela Prefeitura já foi destruído. Casas na Bugia foram levadas pela maré e o risco de uma destruição maior pode inclusive afetar o turismo na região", alertou a secretária. Sobre o projeto que prevê a construção de um cais e a dragagem do canal do rio Cricaré, Petroni considera essas medidas importantes. "Não só para a pesca, como também para o turismo, já que o cais poderia servir de atracadouro para escunas e barcos de passeio, que seriam opções para os turistas que visitam o balneário".

nas começaram a penetrar no estuário, provocando a erosão nas margens do rio, destruindo-as e atingindo moradias e construções que haviam no local.

Todos os fenômenos provocaram até agora enormes prejuízos materiais e sociais, com a destruição de 60 construções, propriedades e benfeitorias realizadas na Bugia. A ação do mar derrubou casas, peixarias, cais de atracação e já desabrigou centenas de moradores, conforme revela o estudo da Aquaconsult. A

CVRD empregaria recursos do Fundo de Reserva da CVRD. Já a segunda etapa teria que ser realizada na administração do governador Vitor Buaziz. O governador eleito por sua vez informou que embora existam prioridades nas áreas da Saúde, Educação e Segurança Pública, irá olhar o problema. Ele considerou altos os custos para impedir a destruição da Bugia, mas adiantou que havendo a necessidade de se realizar obras no local, irá buscar recursos em outras instituições.

Morador teme ficar sem casa

“Tá difícil ‘seo moço’. Moro aqui há trinta e cinco anos e nunca vi coisa igual. Se não fizerem alguma coisa logo, a Bugia e a pesca vão acabar em Conceição da Barra”. O desabafo é do prático José da Silva, ou **Cazuza** como é mais conhecido, que atualmente trabalha na Barrapesca dirigindo os barcos da empresa que entram e saem do rio Cricaré. Na última quarta-feira pela manhã, quando a maré estava alta, ele bem que tentou mas não conseguiu colocar um barco pesqueiro da empresa no mar. “Se tentasse, ele acabaria encalhado. Por isso resolvi voltar”.

Cazuza reside na Bugia às margens do rio e já construiu uma proteção para não ter sua casa atingida. Mas ele não demonstra esperanças de que isso não venha a acontecer. Ele explicou que, de dez anos para cá, o mar vem cada vez mais avançando sobre as casas. “Eu construí uma proteção, mas, do jeito que as coisas vão indo, ela não vai servir para nada. Em outros locais da Bugia os moradores fizeram o mesmo, mas isso de

nada adiantou e as casas foram levadas”, disse o prático.

Para conter o avanço do mar, os moradores utilizam sacos cheios de cimento, areia e brita, que são colocados junto aos muros. Outros constroem proteções em concreto e ainda há os que utilizam toras de madeira na tentativa de impedir que suas construções sejam destruí-

Desmatamento afeta o Cricaré

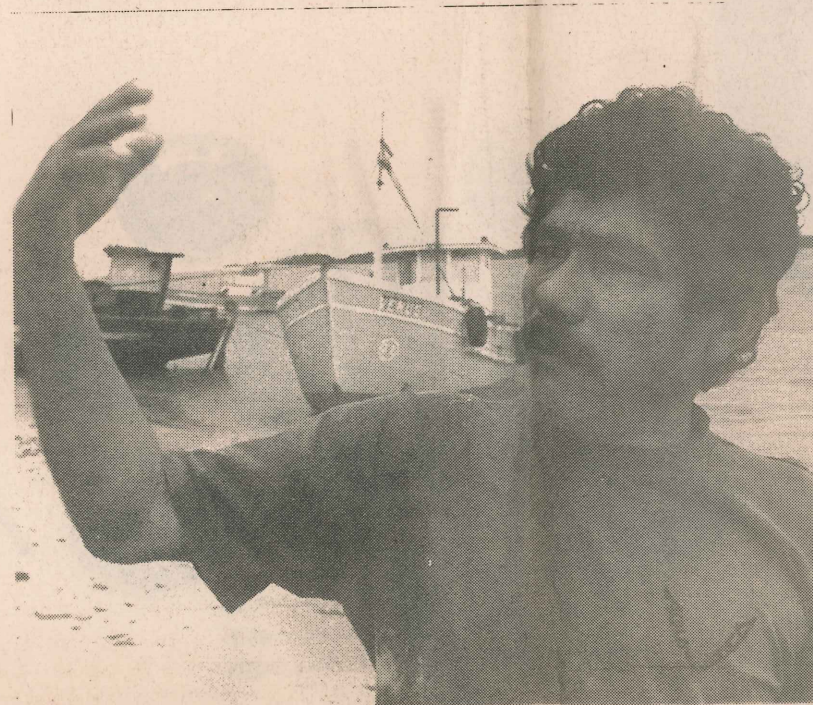
O Rio Cricaré, em seu trecho entre São Mateus e Conceição da Barra, foi durante muitos anos, desde o século XVI, totalmente navegável, situação que perdurou até a década de 40 deste século. Pelo seu leito eram escoadas mercado-

rias como o café, madeira e farinha de mandioca, que eram embarcadas no porto de São Mateus. A sua importância como meio de comunicação e transporte começou a declinar com a abertura de estradas. O Rio Cricaré nasce na Serra da Safira, em Minas Gerais, da junção dos rios Xopotó e Piranga. Ele passa pelas cidades de Nova Venécia, São Mateus e desem-

boca no mar, na cidade de Conceição da Barra.

Ambientalistas e ecologistas denunciam que o contínuo processo de desmatamento das margens do rio provocou o seu assoreamento, fazendo com que ele deixasse de ser navegável. Atualmente a navegação só é praticada por pequenos barcos e somente na foz do Cricaré. Em Conceição da Barra é que

as embarcações maiores conseguem transitar. Mesmo assim é preciso muito cuidado, pois com a maré baixa, em vários pontos afloram bancos de areia, tornando impraticável a movimentação dos barcos maiores. A situação piorou nos últimos dez anos, com o movimento do mar jogando cada vez mais areia no estuário do rio.



“Cazuza”: impedido de sair de barco na quarta-feira, mesmo na maré alta



Carneiro: sorte não ter ninguém dentro quando a casa foi destruída

das ou danificadas. Em nenhum dos casos isso resolveu o problema. Para **Cazuza** o que houve até agora para salvar a Bugia foram promessas. “Promessa tem e muita, mas nada foi feito. As casas estão caindo e os barcos, a cada dia, têm mais dificuldade de sair para a pesca”.

Sérgio Carneiro, que reside na Bugia há oito anos, cons-

truiu sua casa às margens do rio com muito sacrifício. Em março, parte da sua casa foi arrastada pelo mar. “Tinha proteção e tudo mais e isso nada adiantou. A sorte foi que, quando tudo caiu, não havia ninguém em casa”. Ele não sabe o que vai acontecer se o processo de erosão da margem do Cricaré não for contido. “Essas famílias to-

das que estão aqui irão para onde?”, questionou desolado.

A diretora da Associação de Mulheres da Bugia, Leide Camisão, diz que o problema da maré foi provocado pela natureza, sem qualquer participação da mão do homem. “O que o homem fez foi fazer a proteção das casas existentes nas margens do rio Cricaré, mas isso

não foi suficiente para conter a ação da maré, que a cada dia que passa vai avançando mais”, disse ela.

Ela informou que os moradores já entregaram ao governador eleito Vitor Buaziz uma carta contando o drama de moradores e pescadores e solicitando uma providência definitiva. “É preciso que algo seja feito e rápido. Do contrário, vocês podem voltar aqui em março, na lua cheia, e ver o que vai acontecer. Certamente será uma tragédia. Fico preocupada com as 300 famílias que moram aqui, que não terão mais nada e ficarão sem um lugar para onde ir”, salientou Leide Camisão.

A ambientalista Heloísa Dias não acredita que o problema na Bugia seja exclusivamente ação da natureza. Para ela, a ação da natureza pode ter sido provocada pela mão do homem. Em sua opinião, o desmatamento nas margens do rio Cricaré, que acaba provocando o assoreamento e o alargamento do leito do rio, pode ter contribuído para que o Cricaré tenha perdido sua força natural e, com isso, tenha permitido à maré, com mais força, avançar sobre o estuário e atingir a Bugia.